

LIBERDADE

UNICA EDIÇÃO

A liberdade é o ar respiravel da alma humana.
V. Hugo.

PIAUHY

THEREZINA, 7 de Setembro de 1903.

BRAZIL

INDEPENDENCIA OU MORTE!

1822



1903

HOMENAGEM DA MOCIDADE ESTUDIOSA

AOS

HEROICOS LIBERTADORES DO BRAZIL

A COMMISSÃO:

João Seraine

Manoel Saraiva

Joel d'Oliveira

Alvaro Sisyphe

Simplicio Mendes

José Faustino

Adolpho Alencar

Antonio Sobreira

Constancio Carvalho

Alvaro Freire

Samuel Cunha

PRO PATRIA

No estado actual dos espiritos, em face do movimento associacional da civilização, o amor da patria ainda é uma virtude fecunda e vantajosa para o bem-estar da comunidade social.

Em quanto as doutrinas abrutisticas não suplantarem o fundo animal da natureza humana, enquanto o christianismo for um longinquo ideal ou mero pretexto para a tyrannia das consciencias, a guerra ha de ensanguantar a peripheria do planeta como uma das condições essenciaes do progresso.

A divisão das nacionalidades é tão caprichosa, tão injusta como a da riqueza no dominio da economia politica. Todos os estados, como as fortunas particulares, procedem da extorsão e do massacre em grandes massas. De tal modo que a historia, que é a opinião do chamado genero humano, faz a apothese dos grandes salteadores como Alexandre, Cesar e Napoleão Bonaparte.

Eu quizera que a superficie do planeta fosse uma patria unica bafjada pelas azas do anjo da paz. Mas até a realisação d'este sonho, só confio no predomínio da força como razão de estado. Fora d'ahi, tudo é mentira e hypocrisia.

A nossa Patria é a mais bella do mundo sob o ponto de vista da extensão territorial e das riquezas naturaes. Todavia ainda não figura como potencia militar em nenhuma estatistica.

Es ali o que mais me preoccupa no momento actual, quando contemplo que que á frente da civilização se acham as chamadas grandes potencias, que só são taes porque dispõem de grandes exercitos e formidaveis esquadras. O que mais magda minha alma de brasileiro é ver que dentro de trinta annos o Japão, povo asiatico e de raça amarella, impoz-se ao respeito do mundo a ponto de fazer alliança com a orgalhosa Inglaterra, pondo freios á expansão descommunal da Russia no extremo oriente.

De nada nos servem os progressos que temos feito nas artes, nas sciencias e nas industrias, uma vez que nos fallemos os elementos militares necessarys para sermos respeitadas no universo.

A nossa miseria é tamanha que até a Bolivia e o Perú separadamente invadem as nossas fronteiras e convidam o estrangeiro audaz e insancionavel a vir collocar-se no coração mesmo da America do Sul.

No dia em que a Alemanha ou os Estados-Unidos quizerem nos riscar do mappa das nações fal-o-ão com muito mais facilidade, infinitamente mais, do que a Inglaterra fez a conquista do Transvaal.

A verdade é como a macella: só é util quando amarga; por isso não tenho motivo para occultar-a aos moços que teem a obrigação de representar o futuro da Patria.

Possam elles, mais felizes do que eu, cantar dithyrambos ao real engrandecimento militar desta terra abençoada.

H. Cunha.

7 de Setembro

Passa hoje a gloriosa data em que o povo brasileiro emancipou-se do jugo da Metropole.

Ha 81 annos os nossos avós, nas margens do Ipiranga, cercando o principe ambicioso, como querem uns, patriota como attestam outros, creou essa nacionalidade cujos destinos mal estão esboçados, uma vez que o imperio não soube aproveitar os recursos extraordinarios desse paiz immenso, e a republica fel-o retrogradar muitos annos no caminho da civilização e da liberdade.

Tennam, porem, ou não, fructificado os intuitos grandiosos dos patriotas de 22, o nosso dever actual e de sempre, é revivel-os, memorando os nomes dos seus heróes, afirmando que, um dia, por força desse culto sincero e continuado, nascam na alma dos nossos politicos, a mesma fé e os mesmos alentos patrioticos que impulsionaram os pioneiros da independencia.

Pensando deste modo, só tenho applausos para os moços que de

sojam festejar condignamente data tão memoravel.

Nessas poucas palavras, não vae, de leve, o mais remoto intuito de uma dissertação sobre o vasto problema que disporta o dia de hoje, mas uma simples e carinhosa manifestação de encorajamento aos moços que me consideraram com forças de auxiliares no certamen das suas alegrias civicas.

O 7 de Setembro é a porta de um templo em cujo altar principal se venera a imagem da patria.

Que entrem por elle os moços piauhyenses. Que se saurem desses ideaes sempre novos e vibrantes. Que saiam d'elle—apostolos do bem,—cultores da liberdade—; escravos do amor da Patria!

Th.—7—9—3.

M. Lopes.

Sete de Setembro

É sempre agradável a um povo recordar as datas gloriosas de sua historia; rever as suas paginas fúlvias perennes de ensinamentos, paginas onde adormece um patrimonio sagrado de reliquias que as gerações de hontem legam ás de amanhã. Nesta contingencia achamos-nos nós hoje voltados numa effusão justa de alegria para o altar magnanimo da Patria.

O Brazil desde as primeiras investidas dos portuguezes em suas abundantissimas florestas foi havido e cobigado como fonte inexgotavel de riquezas onde refugiam as pedras preciosas e os metaes finos na superficie colheante da terra. Atravessou, escravidão a linhagem nobre de Portugal, os primeiros aculos de seu descobrimento; foi a fonte salvadora aos creditos lusitanos e o cofre fecundo da casa de Bragança. Agrilhoado á vontade rude dos primeiros feitores, que lhe vieram, os primeiros nobres, senhores interpretes directos da conscia imperial lusitana, testemunhou o captivo maldado dos proprios filhos, a proscripção de outros e o esquartejamento á praça publica dos que ousavam arguer a voz tímida da revolta. Mas, um dia fatigado da jornada peregrinosa em que vinha, sem conforto legitimo para as suas dores, alçou, num impeto raivoso, as longas azas e se foi acastellar num vóo, onde as armas portuguezas não subiam.

As grandes revoluções sociaes edificam-se no patriotismo e na aspiração espontanea dos grandes ideaes, porque o patriotismo é a aspiração dos ideaes alevantados não se abafam com o rufo dos tambores e o vozear dos clarins inimigos.

A vinda para o Brazil de D. João VI em 1808 procurando amparar-se no novo mundo do odo flammejante do preclaro Napoleão Bonaparte, severamente exaltado contra a casa de Bragança, foi um prenuncio luminoso da independencia e da liberdade da então colonia do velho reino. Toda vez que um povo luta em prol de sua independencia e de sua liberdade tem um sol de esperanças bem limpido, bem luminoso, tauxeando-lhe o firmamento de suas aspirações. Esse sol está sempre em giro; e por isso, ás vezes esculpe-se antecipadamente, a effigie da gloria no estandarte sacrosanto da batalha.

Da nova pousada dizia, numa effusão legitima de orgulho, o rei de Portugal, no manifesto de Guerra á França: a corte levantará sua voz do novo imperio que vae crear.

E mais tarde, quando de nove adejou o pensamento obliterado dos inimigos, o plano criminoso de recolonização, estava creado e paiz e Gôa desaparecido a colonia. Das margens do glorioso Ypiranga partio o emissario levando ao velho reino a convicção edificante do novo paiz independente.

A liberdade estava proclamada. Quando se conquistam essa independencia e essa liberdade rasgando as veias de uns para escoarem-se, a um tempo, o sangue e a vida, em bem da ventura e da paz de outros, cresce profusamente no coração popular a emoção sincera que lhe alardea o espirito.

Cada uma dessas investidas fulgentes da humanidade, aplainando a estrada anilhada que percorre afanosa a gloria, é para as novas gerações que

dispostam um filtro perenne de reliquias onde ellas vão fecundar o espirito e haurir a longos servos o amor da Patria.

Agricola C. Branco.

O brado do Ypiranga

Quando em 1807 transmigrou a familia real de Bragança para o Brazil, aterrada por haver Napoleão Bonaparte mandado fechar os portos lusitanos á Inglaterra, de que era Portugal uma comarca ceursal, já preoccupava sobre o modo o espirito publico a idéa grandiosa da nossa separação.

Foi, porem, em 1821, quando a Lisboa regressou D. João VI, que ella mais vivamente se accentuou na mente dos filhos da grande colonia sul americana, cuja opulencia havia para atrahia as vistas ambiciosas d'algumas nações da Europa que então nos conheciam as riquezas immensas.

Como não ser assim, si ao chegar aquelle principe á capital do seu reino, abriam-se as Cortes all reunidas, desenvolvendo a mais terrivel campanha contra as vantagens e prerogativas que advieram á nossa patria com o estabelecimento da sede da monarchia portugueza no Rio de Janeiro?

Dia a dia praticava o governo da metropole actos por demais injurios em detrimento dos nossos brios de povo adeantado e forte; recebia constantemente D. Pedro, seu logar-tenente entre nós, despachos decisivos e chaos de azedume, succedendo mesmo que um d'elles o intimasse a voltar sem demora a Portugal.

Por conselhos de politicos verdadeiramente atilados á 9 de Janeiro de 1822 declarava elle á camara municipal fluminense que resolvera desobedecer á ordem de regresso; não taudou que embarcassem com destino a Lisboa as forças de terra e mar, por determinação recebida.

Serias dissensões reclamaram por esse tempo a presença de D. Pedro em Minas e S. Paulo, para onde logo seguiu, conseguindo desfazer-as de prompto e implantar a concordia mais perfeita entre as hostes desavindas.

De volta, ao chegar ás margens do Ypiranga, a 7 de Setembro daquella anno, recebeu e leu incóntinente um despacho acerrimo que lhe haviam expedido as Cortes; foi tal sua indignação a esse momento que arrancou do chapéu o tope lusitano e ergueu este grito vibrante: Independencia ou morte!, que retumbando em todos os pontos do paiz tornou evidente aos olhos do mundo inteiro a nossa emancipação politica.

Salve, 7 de Setembro, mensageiro da realisação dos nossos sonhos fagueiros, do nosso mais sublime ideal.

Luiz Sabino.

Therezina—Setembro de 1903

INDEPENDENCIA OU MORTE!

Foi a 7 de Setembro de 1822, depois que pelo uberrimo solo brasileiro havia corrido o proficuo sangue d'alguns heróes, e quando o povo avizinhado esperava a sua anhelante liberdade que o philanthropo principe D. Pedro I, vestido tambem deste abraçado primordial sentimento, vibrou destimadamente, nas margens do arceio Ypiranga, o pulsativo e tonitrante brado—

INDEPENDENCIA OU MORTE—o qual rompendo as encapelladas ondas oceanicas, fendendo o espaço, descendo dos picaros das mais alterozas montanhas aos mais baixos valles e acompanhado do estrugir agudo dos clarins, retumbou de plaga em plaga, annunciando accellerada e alvicaçionalmente ao povo que as adobas que lhe cumpriram os pulsos a metropole Portugueza, haviam sido laceradas.

Assomou, então, assim a sua liberdade, essa alavanca em cujo fulcro se aninha o verdadeiro sentimento, o mais santo amor; esse sol fasciante que espandindo os seus viventes raios, dá incremento e pujança quer aos seres vivos, quer aos brutos.

Dentre os conspiradores tão sublimes quanto occupa um dos primeiros lugares nas dopadas paginas da nossa Historia Patria o indolizavel Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado por Tiradentes. Se bem que fosse um humilde e sem posição social, Tiradentes foi ao mesmo tempo um heróe, um vero Espartaco.

A Theatros o vencedor de Salamina, que indo refugiar-se nos Estados de Longoriano, envenenado, porque este queria que tomasse armas contra a sua Patria; a Demosthenes, esse poderoso defensor da liberdade, cebeiro pela batalha de Charonea; finalmente a Cromwell, em cujo coração traduzia-se um santo amor á sua patria, Tiradentes pelo equiparar-se, porque nas libras de seu coração fervilhava tambem o sangue patrioticos, pois que, diante da perspectiva da morte não recuou um passo; pela rehabilitação de nossa patria não trepidou em dar a sua vida, a ultima gotta de sangue que lhe circulasse ainda nas veias, como o sublime martyr do Golgotha que não hesitou tambem em morrer pela regeneração de seu povo.

Gloria a Tiradentes, esse seguado martyr da idéa!

É' possuido do mais ingente jubilo que pegando da minha offuscante penna para traçar estas linhas, congratulo-me com meus collegas que, na data de hoje revestidos de galas e entoando hymnos de honra, rendem este santo, altivo e justo culto aos impavidos libertadores da terra de Santa Cruz.

Gloria, pois, ao Brazil assim como aos seus libertadores!

Salve a Liberdade!

Th. 7-9-903.

J. Faustino

GLORIED MORNING.

Só o incitamento ás grandes idéas, o amor que sinto desde muito desprender-se de minha alma pela patria, induz-me a contribuir com estas linhas para a patriótica commemoração do dia de hoje,—celebrada pela mocidade do Lyceo Piauhyense.

Não devia, comtudo, affastar-me do proposito commigo contrahido—de só manifestar o que sinto e o que admiro, depois de destruidas em parte a espressa escuridão que me entenebrece o cérebro—deixando, embora, que em occasiões taes, lá pelos reconditos de meu ser, minha alma presa e impetuosa se esborrachasse em jubilo.

Mas, é que ha impulsos extraordinarios e vulcanicos que sobrepujando a nossa convicção, leva-nos muitas vezes, ainda trope-

ços, à terrenos diffíceis e escabrosos para expandirmos os arroubos de indefinível entusiasmo.

E eis o caso.

O dia de hoje ergue-se altaneiro para galgar o cume de todas as nossas glórias e tradições! Como o deslumbrante sol que se salienta entre todos os planetas, elle occupa o primeiro lugar na historia da nossa patria. Trouxe-nos a liberdade do nosso paiz — o direito ultra-supremo, que pela propria natureza é consagrado a tudo que vive e que vegeta.

Tentar descrever esta conquista gloriosa e sublime, hoje tão minuciosamente conhecida por todos os brasileiros, seria um trabalho improficuo, porque nada de novo poderia descobrir e trazer á sua superficie.

Basta que n'estas palavras transfigurem-se todo o meu entusiasmo, toda a veneração que tributo á patria, e todas as harmonias que reboam no meu coração de moço.

1903.

M. S.

Aurea data

A manhã serena de 7 de Setembro de 1822, que estampou a natureza na maravilhosa seta do horisonta, despontara graciosa e alvicaireira para o povo da antiga terra de Santa Cruz.

Foi neste dia de glórias cheio, que D. Pedro I tendo no peito, os mesmos sentimentos nobres, que em tempos acamados, achara se possuido o celebre Tiradentes, os quaes arrastaram-lhe pela Liberdade, ao horrído cadafalso, solou entusiasmamente nas esmeraldinas margens da Ypiranga, ao perpassar das amaranthes virações o brado Independencia ou morte, que estendeu-se ligeiramente pelo paiz inteiro, faz desapparecer os poderes lusitanos que até ali imperavam.

Rasgando-se immediatamente a onda do prazer, tudo se mostrou festival, desde a cabana do mendigo ao palacio do opulento; nos prados, no gorgear dos passarinhos que saudavam com maviosas canções a loira Liberdade, nas elevadas serras, até nas pedrinhas que bordaram os caminhos reinava a graça e a Poesia.

E' pois, pelo basamento d'esta sacro-santa data, que relembra o heroismo de nossos antepassados e honra as paginas do livro da conquista da nossa estimada Patria, que venho dar expansão ao jubilo de que me acho possuido do pertencer esta uberrima nação, lavrando-lhe nestas sinuo-

sas linhas um preito de sincera homenagem.

Salva ao Brazil liberto!
Salve D. Pedro I!
Salve! Salve!
7-9-903.

J. Saraine.

Libertas

Scintilla nas paginas da nossa historia patria com esplendido fulgor, um nome que se immortalizou ao lado das conquistas de nossa independencia e que deve ir no seu evoluir perenne de celebridades rasgando a espossa caligosa offuscadora dos tempos e patenteando á luz deslumbradora dos factos as projecções brilhantes das suas fulgurações inextinguíveis.

Esse nome que synthetisa as apothoses da data que hoje commemoramos é o de D. Pedro I, o inclyto heros dos dous mundos. Este bravo conquistador, dotado de alma magnanima e de sentimentos nobres e generosos, portentoso e sublime nas suas concepções, intrepido e tenaz nos seus commetimentos, encarou com a superioridade de vista que caracterisava os arrojados elevados e impectuosos de sua imaginação, a situação anomala e compromettedor do nosso charo paiz.

Cedendo ás suggestões da colera e desespero que lhe iam n'alma, pensando sem cessar nesse estado de cousas, secundado por um pugillo de galhardos e denodados cavalleiros, aventurou nas margens do arroio Ipiranga o grito sonoro e estridulo de—Independencia ou Morte—grito que repercutiu vibrantemente como uma nota aguda de clarim por todos os angulos do territorio patrio.

Tudo se ergueu em uma agitação palpitante de um patriotismo acrisolado, de um civismo masculino; a é o que do incola que campeava garboza e ferozmente pelas nossas mattas, alliando as suas forças ás de um povo que se erguia conscio de sua natural grandeza e triumpho, veio disparar as suas setas d'en volta com os nossos fuzis.

Como a serpente que espiantada no covil se afira ao fogo que a fascina, Portugal estremece e lança-se ás chamas do nosso patriotico ardor.

Em cada ponto, porém, do nosso vasto e uberrimo territorio não havia uma trincheira, em cada casa um barril de canhão, em cada peito uma muralha, diffíceis de expugnar.

A luta travou-se ferozmente, corajosamente e os projecteis igneos foram trocados de parte a parte numa con-

fusão enorme, medonha, indescriptivel.

Não devamos, portanto, olvidar este grandioso feito que é incontestavelmente o padrão da civilisação e do progresso que ja tinhamos antes da nossa emancipação politica.

Reclamamos, pois, um verdadeiro e sincero culto ao nome daquelle que nos concedeu a liberdade e a data fastosa que hoje commemoramos cheios de jubilos.

Ja tremula ovante em toda a parte a auriflamma nacional. Salvé, ó terra abençoada! Salvé, ó 7 de Setembro, interprete de sonhos bons!

Alvaro Sisypho Correia

7 DE SETEMBRO

A mocidade piauiense animada de bons sentimentos, cumpre, ainda uma vez, um dever de patriotismo, commemorando esta data que recorda um acontecimento de summa importancia, por is-o que marca o inicio de liberdade e progresso para o Brazil.

No dia em que a alma brasileira exulta de contentamento, prestando homenagens aos que tão bem souberam merecel-as, é bello ver o procedimento dos moços, unindo-se aos que procuram resgatar essa divida de gratidão.

7 de Setembro figura nas paginas da nossa historia em lugar de honra, como um acontecimento da maior importancia, como uma conquista ambicionada pelos que gemiam sob o peso esmagador dos tributos e outros veixames com que eram sobrecarregados pela velha corte de Portugal, conquista feita sanguinolentamente, tendo por clarim—o doce marulhar das aguas do Ipiranga e por metralha—o brado—Independencia ou morte! que synthetisa o nosso mais brilhante feito, graças a energia e attivez do soberano que então zelava pelo engrandecimento desta patria.

Associando-me aos que tiveram a feliz ideia de festejar esta data e, satisfazendo os impulsos do meu coração de patriota, venho prestar no dia de hoje as homenagens da minha veneração, ás que tudo empenhará para a conquistada liberdade no Brazil.

1903.

Joel d' Oliveira

Liberdade

Entre os seres que a Natureza creou, descendo do Ethar ao metal que a terra esconde em suas profundidades, passando do ser vivo para o ser bruto, existe um mais sublime um mais santo um mais poderoso, que se pode equiparar com a propria natureza. E' um corpo escuro mas que emite luzes, é um corpo abstracto mas que faculta á vida, é um corpo simples mas que tem os poderes da divindade.

Essa corpo ideal que exalta os animos esse corpo humilde que rouba tambem a vida em pleno vigor de suas esperanças é chamada—Liberdade.

E' ella essa encantadora vestal mysteriosa, esse polisillabo que

a imaginação creou para expressar o mais nobre sentimento da humanidade, a impassivel, calma e terrivel visão de todos os sonhos de quem dorme agarrado pela horrósa servidão.

A arvore a que não é permitido receber a luz solar vem por fim atrophiar-se e desapparecer!

Como a arvore é o homem, e ainda mais que ella, precisa da Liberdade para mover a civilisação, para pugnar pelo progresso. Num paiz escravizado os homens subjugados jamais poderão cumprir a missão de que se achão encarregados na face do Planeta.

«Criar e multiplicar». E' lutando pela Liberdade da Patria que se conhece o verdadeiro hero. Entre os gregos vamos encontrar Milíades em Marathón; Leonidas nas Thermopilas e Themistocle com seu estratagemas em Salamina.

Entre nós é d'onte outros Martyres, temos o inextinguivel Tiradentes que se sacrificou por amor á sua Patria. Infeliz! Durão alguns, porém elle foi tão feliz que ainda hoje glorificamos seu nome, bendizendo o seu valoroso sacrificio.

A illusão é bem de todos. Portugal tambem se illudia pensando que com os nossos martyres necessariam as idéas dos nossos antepassados.

O sol da nossa Independencia vinha emergindo mais fulgurante espanejando as trevas em que jaziamos, accendendo o facto que nos havia guiar no meio da procella.

A manhã surge e a passarada entoa o hymno d'alvorada.

D. Pedro I ergue nas margens do Ypiranga o altisonante grito «Independencia ou morte» e o vento que passava pelas franças encaregou-se de conduzir o de geração á geração, dizendo á todos e a tudo que a Liberdade d'esse Leão indomito era a maior das verdades, e eis a fera magnanima agindo e progredindo voando para o apogeo de gloria.

Oitenta e um annos já lá se vão immergindo no horisonte, e no entanto aquelle sonoro grito ainda vem deleitar-nos o sentido auditivo com tanta agudez, que nos deixa abyrmados colhendo a cada inspiração um alluvio de ledices.

Como Brasileiro que sou, como muito amante da minha Patria, congratulo-me com aquelles que têm o olhar fito no Progresso desta santa terra.

7-9-903.

João Lula

7 DE SETEMBRO

—AOS PIAUIENSES—

Data do Povo, esplendoroso dia, De festa e gloria, risos e alegria, Eu te saúdo cobulivamente! Hoje que o grito d'Independencia ou morte No espaço immenso retumbou bem forte, Recobe applausos do meu peito crente!

Eu te bendigo, oh! data sacrosanta! Hoje que todo brasileiro canta Hymno festivo á loira Liberdade! Palmas e flores, cantos e saudaes, Aceita tudo aos bandos aos milhares —Eu represento a forte mocidade!

O grito reuco, altisonante brado, A' todos do Brazil foi enviado, Entre gritos delirio e confusão: É o velho Portugal for abalado, Tementoso recuado o rei bramido Do preso espedaçado o coração!

Hoje, porém, que o Sol desce rindo, De luz e riso as d'ellas se cobrindo, Saudando a terra se liberta; Hoje que as aves bellas cantam, Voando na altura—meu Brazil, quando Recebe, oh! Povo, minha voz de guerra!

Natal-7-9-903

Janalva de Almeida

INDEPENDENCIA

OU MORTE!

A tarde era serena.

As aguas do Ipiranga, impellidas pelo pequeno sopro da brisa, deslisavam preguiçosamente sobre o seu bello leito alvinitente e puro, formando aqui e ali pequenos redomoinhos.

Nuvens erravam pela vastidão do firmamento. A vasta campina era matizada de flores; uma athmosfera de perfume espalhava-se pelo amplo ambiente.

Os passarinhos modulavam canções sublimes.

O astro rei empunhando a dextra o sceptro luminoso não tinha para o occaso. O camponez estava prestes a deixar o seu trabalho.

Tudo era magestoso!

Alem um tropel de cavalleiros marchava em ardegos corceis.

De repente um mensageiro acercou-se d'aquella multidão e aproximando-se d'um cavalleiro, q' marchava silenciosamente a frente, entregou-lhe um maço de papeis. Este desembrulhou-o e começou a ler; toda a comitiva parou, estabeleceu-se o silencio.

Terminada a leitura o imperador como ar altivo e o semblante cheio de indignação, alçou o retumbante grito «Independencia ou Morte», que mais tarde echoou até as mais abruptas serranias que se estendem do Amazonas ao Prata do Rio Grande ao Pará.

Quebrou-se o jugo oppressivo e então o pavilhão brasileiro poudo tremular livremente. Inflammados de ardor patriótico os brasileiros em massa comemoram esta data, cheios do maior jubilo, manifestando assim o seu patriotismo.

Lembrando-nos de sete de Setembro, devemos lembrar-nos de vinte e um de Abril; porque como todos nós sabemos, foi esse dia em que subio ao Ingubre patibulo, sob um céu opalino à luz do sol radiante, o grande martyr da Inde-

pendencia, — o bravo Tiradentes.

Devemos nos lembrar de Felippe dos Santos, que do alto do patibulo pronunciou as magestosas palavras:

Jurei morrer pela liberdade; cumpro minha palavra!

Ainda devemos recordar-nos dos estudantes brasileiros em Franca, José Maia, Domingos Vidal Barbosa, José Alvares Maciel e outros, que ebrios de entusiasmo pela independencia dos Estados Unidos, reuniram-se em 1876 em Montpellier e trataram de obter o apoio da America do Norte, afin de libertarem a sua patria.

E emfim devemos cravar em diamante nas paginas aureas da nossa historia o nome memoravel de D. Pedro I, esse heróe que nos libertou das garras aduncas de Portugal.

Salve 7 de Setembro!
Constancio Carvalho

A Nossa Independencia

Passando hoje a data gloriosa da nossa independencia, cabe-me a honra de tomar parte na confecção desta folha, apesar da minha mentalidade em nada me auxiliar neste tão honroso encargo.

Como aqui, porem, presumo eu, os sentimentos da alma sobrepujam as ambições de glorias literarias, venho dar expansão ao meu coração de moço entusiasta, commemorando com os meus distinctos collegas este auspicioso acontecimento. O grito «Independencia ou Morte» soltado pelos augustos labios de D. Pedro I, nas margens verdejantes do Ypiranga, a 7 de Setembro de 1822, repercutiu por todos os angulos do paiz, indo levar ás fontes sussurrantes e ás murmuras florestas, onde cantam inaviosas patativas, a noticia da nossa independencia. Enão, neste dia, o nosso caro Brazil, deprendendo-se do pesado jugo lusitano, transformou-se num manancial de alegrias; e vestido de galas, entre o entusiasmo de seus filhos festejou sua liberdade.

Liberdade! Só teu nome traduz a epopéa mais divina que poudo conceber o universo, a tua significação esclarece os cerebros mais entenebrecidos pela ignorancia!

E gastos já são oitenta e um annos depois da nossa emancipação, entretanto os corações dos Brasileiros, conservando tao vivos seus sentimentos de patriotismo por este facto tão sublime, da mesma forma que nas eras primitivas, relembra cada anno, com pomposa solemnidade, este passado tão ditoso.

A mocidade que em todos os tempos, quer nos mais remotos quer nos hodiernos, tem sempre representado o papel de vencedora no alto mundo social, entre flores e perfumes, festeja hoje o 7 de Setembro. E eu, que me orgulho de pertencer a esta constellação tão bella, ainda mesmo que nella meu papel não seja revestido de importancia, me associo a todos os companheiros de lides em tão justa tão santa, quanto louvavel idéa.

Salve, pois, 7 de Setembro!
Anesio Fortes.

Independencia ou morte

Por entre o sussurro do entusiasmo brasileiro, por entre o murmurio dos applausos passa hoje a data gloriosa de 7 de Setembro. Ante o espetaculo pomposo da natureza americana, mostra-se coberto de louros o vulto homerico de Pedro I, que nesse dia enexquecivel soltou nas margem do Ypiranga o brado de—Independencia ou Morte—que robou o magestosamente por todo o orbe e firmou para sempre a nossa autonomia nacional.

Apesar do perpassar das eras, apesar da nevoa escura do passado, scintilla brilhantemente aquella luz redemptora que dissipou e arrojou para muito distante o tyrannico jugo de Portugal que viu esvaecer dolorosamente seu poder, tendo apenas como consolo, glorias passadas e lagrimas ardentes para o valhar de saudade os tumulos de seus heróes.

Em quanto Portugal tombava no abysmo profundo do anquilamento, o Brazil erguia-se sorridente por entre o murmurar dos leques das palmeiras e os echos profundos das matias, que repercutiam:

—Independencia ou Morte
Salve 7 de Setembro!
Salve Pedro I!
Salve a Liberdade!
Salve! Salve!
Therezina, 7—9=903.
Alberto Lima

Liberdade

L'Homme, le plus obscur aime la liberté.
CHATEAUBRIAND.

Desde os mais remotos tempos que nos lembra a his-

toria, tiramos a consequencia que todos os povos só lucraram para sacudir de si o peso da escravidão. Os seculos vêm manamente despontando e todas as nações erguem o pavilhão da liberdade. No nosso céu, o sol do dia 7 trouxe-nos os raios d'ouro: *Independencia ou morte* escripta pela mão de Jehovah.

Deslumbrou-se a natureza com estas duas palavras que serviram de epilogo do drama ferido entre o Brazil e a velha Lusitana.

O povo Brasileiro, ergueu a fronte e contemplou o novo horizonte que surtia com a liberdade, avistou a luz.

As cortinas que trancavam todo o nosso porvir, abriram-se sobre as aguas da Guaranabara e nós na rêda marinha, contemplamos o velho mundo

Desde então entendeu-se o nervo politico sobre o corpo da sociedade Brasileira que augurava o mais rapido desenvolvimento, adquerindo a hegemonia nas Republicas Sul-Americanas.

Brazil iros! Independencia seja a nossa divisa na agra estrada que atravessamos; nas conquistas que devemos effectuar através dos oceanos que de continuo murmuram em face do planeta.

A historia do Ypiranga, seja o momento politico que legamos para os nossos vindouros; independencia ou morte seja collocada em nossa bandeira, como emblema decisivo de triumpho.

—Viva o dia 7 de Setembro!

Deodoro Sarmiento.

7 DE SETEMBRO

*Sujeito a Portugal estava um dia
O vasto e bello paiz brasileiro,
A humanidade permanecia
Sem lembrar futuro albigareiro
A este campo d'amor e Poesia!
Ergueu-se como forte pioneiro,
Desprezando a paz e harmonia,
O Imperador D. Pedro I,
Fazendo resoar de Sul a Norte
O grande grito—INDEPENDENCIA OU MORTE!*

*Hoje lembra este dia memoravel,
Em que do peito deste portuguez
Sahiu este echo forte e sublimado,
Dando liberdade primeira vez
A este sublime brasileiro amado
Que em meio do abysmo na profundez
Estava ha muitos annos mergulhado,
Conservando-se em completa mudez
Dominado o povo e a humanidade
Sem sentir-lhes mover a piedade!...*

*Logo no azul do nosso céu constante
D'aurora luz luzente bruxuleou
E logo tambem dos corceis distantes,
A passarada que sempre cantou,
Oto suadar nos campos verdejantes
Tudo que lindo o grande Deus creou
E cantando disseram incessantes
O que ha de mais bello aqui deixou
O grande o Deus Omnipotente,
E viva o Brasil independente!*

Th—1903

S.S.